

## Retratos de Portugal na narrativa de Ramón Gómez de la Serna

Ângela Fernandes

Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

angfernandes@letras.ulisboa.pt

Data de receção do artigo: 30-05 -2014

Data de aceitação do artigo: 07-06-2014

### Resumo

Neste ensaio, pretende-se analisar a imagem de Portugal que o escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna apresenta em três das suas narrativas: o romance *La quinta de Palmyra* (1923-1925) e os contos “El inencontrable” (1925) e “El cólera azul” (1932, 1937). A escolha de Lisboa e arredores como cenário destas histórias e a conexas descrição de personagens e ambientes portugueses ocasionam a construção de um certo retrato de Portugal e da identidade nacional portuguesa que conjuga elementos bucólicos e arcádicos com a realidade colonial e a promessa dos horizontes ultramarinos. A análise proposta visa sublinhar como estas narrativas assentam numa perspetivação crítica, manifesta na ironia e na descrição excessiva e paródica. Ao mesmo tempo, argumenta-se que retratos literários de Ramón Gómez de Serna deverão ser entendidos principalmente na sua específica vertente artística, enquanto decomposição paródica dos modelos tradicionais de representação e dos discursos de identidade.

**Palavras-chave:** Ramón Gómez de la Serna – *La quinta de Palmyra* – *El cólera azul* – Portugal

### Abstract

In this paper, we shall analyse the image of Portugal that the Spanish writer Ramón Gómez de la Serna presents in three narratives: the novel *La quinta de Palmyra* (1923-1925) and the short-stories “El inencontrable” (1925) and “El cólera azul” (1932, 1937). The choice of Lisbon as the setting for these stories and the description of Portuguese characters and environments bring about a specific portrait of Portugal and of Portuguese national identity combining bucolic and arcadian elements with the colonial reality and the promise of

overseas horizons. The analysis we propose aims at emphasizing how these narratives show a critical stance, displayed in irony and parodic descriptions. We shall also argue that Ramón Gómez de la Serna's literary portraits should be considered mainly in their specifically artistic features, as the parodic decomposition of traditional models of representation and of identity discourses.

**Keywords:** Ramón Gómez de la Serna – *La quinta de Palmyra* – *El cólera azul* – Portugal

No panorama das relações culturais ibéricas das primeiras décadas do século XX, destaca-se notavelmente a figura do literato espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963). São de assinalar as suas viagens regulares a Portugal entre 1915 e 1930, bem como a residência em Lisboa e arredores durante largas temporadas da década de 1920. Como notam diversos estudos,<sup>1</sup> a relação de Gómez de la Serna com o meio intelectual português da época foi próxima e intensa, ainda que também ambígua. De entre os testemunhos de intelectuais portugueses que conviveram com Ramón nesse período, lembre-se nomeadamente o artigo de rememoração de José Osório de Oliveira (1900-1964) que, em 1963, sublinhava justamente a “monólogo” em que se traduziu o olhar de Gómez de la Serna sobre Portugal, explicando-o como resultado de prováveis incompatibilidades psicológicas e culturais (Oliveira 2004: 61). O objectivo aqui não será relemburar essa feição paradoxal das relações portuguesas de Ramón Gómez de la Serna,<sup>2</sup> nem delinear a imagem de Portugal que o autor terá construído para si e, entretanto, expresso na sua correspondência e escritos memorialísticos. Pretende-se, antes, verificar como na ficção narrativa de Ramón Gómez de la Serna se surpreendem explícitas referências ao espaço geográfico português e, ao mesmo tempo, se esboça uma ideia da identidade nacional portuguesa, com características muito particulares.

De entre a vasta produção ficcional do autor, consideram-se aqui as três narrativas de cenário português publicadas por Gómez de la Serna durante a época em que mais assiduamente visitou Portugal:

---

<sup>1</sup> Veja-se e.g. Fernández Sánchez-Alarcos 2010, Navarro Domínguez 2007 e 2010, Sáez Delgado 1999 e 2007.

<sup>2</sup> Sobre este assunto, veja-se Fernandes 2010.

trata-se do romance *La quinta de Palmyra* (1923, 1925)<sup>3</sup> e dos contos “El inencontrable” (1925)<sup>4</sup> e “El cólera azul” (1932, 1937).<sup>5</sup> O retrato de Portugal que estes textos constroem assenta numa dupla dimensão de bucolismo e promessa de novos horizontes, a que não é alheia uma perspectivização crítica decorrente da ironia e da descrição excessiva e paródica.

Isto mesmo se pode encontrar desde logo no romance *La Quinta de Palmyra*, que, num estudo longo e pormenorizado, Carolyn Richmond chamou, seguindo Valéry Larbaud, “una sinfonía portuguesa ramoniana” (Richmond 1982). *La Quinta de Palmyra* merece habitualmente a descrição de “romance lírico” e, de facto, a linearidade da acção proporciona à voz narrativa ocasiões reiteradas de descrição metafórica e simbólica de espaços, ambientes e personagens. Em rigor, a história resume-se ao relato das aventuras amorosas de Palmyra, uma jovem aristocrata portuguesa que vive na quinta com o mesmo nome, situada nos arredores de Lisboa; percebe-se que o cenário corresponde à zona do Estoril ou de Cascais, mas estas localidades nunca são nomeadas. As aventuras são sistematicamente mal sucedidas porque os amantes de Palmyra não suportam o isolamento da vida na quinta e, por fim, a narrativa termina com um derradeiro relacionamento, que se anuncia feliz, entre Palmyra e Lucinda.

A par das considerações em torno dos pensamentos e dos meandros sentimentais das diversas personagens, o romance apresenta referências incessantes ao lugar em que tudo se passa, *i.e.*, a quinta. Ganham especial significado os pormenores caracterizadores deste concreto local, nomeadamente o isolamento campestre, a proximidade com a natureza, e a vista para o mar, ou para a “praia” atlântica. Ao atentar nessas referências geográficas, percebemos a repetida menção a Portugal. As características da propriedade de Palmyra, bem como da paisagem e do ambiente circundantes,

---

<sup>3</sup> O romance *La quinta de Palmyra* foi editado em volume em 1925, mas uma parte considerável dos seus capítulos foi objecto de publicação no periódico *La Pluma* entre Fevereiro e Junho de 1923 (Cf. Richmond 1982: 30-31).

<sup>4</sup> O conto “El inencontrable” teve publicação autónoma em 1925 como primeiro número da colecção “El Cuento Literario” (Editorial Pegaso, de Barcelona), sendo depois incluído na versão de 1925 do romance *El novelista*, capítulos 33-36 (Cf. nota do editor Domingo Ródenas, 2005, 285).

<sup>5</sup> O conto “El cólera azul” apareceu na *Revista de Occidente*, em Julho de 1932, vindo a ser posteriormente recolhido no volume com o mesmo nome, publicado em 1937.

ganham uma dimensão nacional através das generalizações que resultam de uma operação metonímica: a quinta de Palmyra surge como sinónimo de Portugal, ou melhor, a quinta é apresentada como exemplo de fundamentais traços identificados como portugueses.

Na primeira parte da narrativa, as alusões genéricas às características da paisagem e do ambiente português parecem ser motivadas pelo olhar contrastivo de Armando Vivar, o primeiro amante de Palmyra, um “falso aristocrata” espanhol. Eis alguns passos em que se evidencia a visão desta personagem:

Asomado a las ventanas de la quinta, [Armando] pensaba que aquellas eran las ventanas de Europa; las ventanas del otro lado, las ventanas finales que daban a la luz del descampado mar de quince días de travesía.

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 5, 520)

Cada ventana de Portugal tiene su significado propio, su gesto particular, su éxtasis distinto. La una es la ventana para el espíritu avizor, la otra es para el nostálgico y aquella para el enervado. [...] [La tarde era] cuando Armando reconocía más la suavidad de Portugal, su entonación, la serenidad de otro tiempo en que abundaba.

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 7, 527, 530)

Na verdade, esta descrição de Portugal como, por um lado, derradeira “janela” da Europa e, por outro, lugar de nostalgia e “serenidade de outro tempo” continua mesmo depois da fuga de Armando, e do seu desaparecimento da narrativa; não é, pois, a personagem espanhola que ocasiona tal retrato de Portugal. Percebe-se que esta perspectiva domina todo a narração, sendo o próprio narrador (não participante na história) quem enfatiza a imagem do país assente nessas duas ideias-chave, em que se cruzam dimensões espaciais e temporais: por um lado, Portugal está no limite do espaço europeu, olhando inevitavelmente para um novo mundo apenas entrevisto na distância; por outro, Portugal está submerso num tempo passado, “arcádico”, que se afigura em simultâneo positivo (suave, sereno, essencial) e negativo (opressivo, enervante).

Importa notar as formulações mais frequentes que retratam as impressões e os sentimentos ocasionados pela permanência na quinta

---

<sup>6</sup> Todas as citações dos textos de Ramón Gómez de la Serna são feitas a partir dos volumes das *Obras Completas* mencionados nas referências finais.

de Palmyra e arredores. Tanto Palmyra como os seus visitantes coincidem no reconhecimento de que “[e]l apartamento arcádico de Portugal se sentía en redor” (Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 15, 569), tornando-se muito enfática a reiteração desta ideia de distância no espaço e no tempo:

Se volvió a sentir Palmyra en las playas últimas de Europa... Se acordaba de lo que decía Armando con cierta tristeza: «Aquí se ve el último momento del ocaso que ve toda Europa... Nosotros lo despedimos en el último puerto, cuando ya se va decididamente al otro mundo».

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 11, 548)

La verdad silenciosa y saudosa de Portugal se sentía en aquel camino acaracolado entre árboles con musgo y líquen en sus troncos, con algo de los primitivos apóstoles del mundo.

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 25, 616)

En aquel remanso portugués se sentía la vaguedad insaciable. En aquella última playa se acostaba el invierno, allí era el sitio en que los trenes tropiezan con los topes finales.

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 28, 631)

A repetição da forma impessoal “se sentía” aponta para uma percepção sensorial irresistível, na qual assenta a interpretação dos presumíveis traços essenciais da nação portuguesa. Contudo, essa interpretação surge expressa num discurso enredado numa teia de imagens poéticas e de alusões simbólicas que levam o leitor atento a reconhecer a sua margem de convencionalidade – ou de elaboração ficcional.

Na verdade, essa mesma dimensão imaginativa, ou romanesca, das histórias de identidade é sublinhada, logo no início do romance, numa das conversas em que Armando inquire sobre a riqueza e as propriedades de Palmyra:

- ¿Y tus posesiones de la India, cómo son? – preguntaba con visible entusiasmo.
- Son pueblos enteros... Me pertenece un río desde su nacimiento hasta su desembocadura.
- ¿Y hay grandes árboles, de esos que tienen dos siglos?
- Tan enormes que sobre sus ramas principales han edificado los indígenas casas para varias familias...

A Armando le gustaban esas conversaciones novelescas y embohecidas en que el niño pregunta como un hombre ávido.

(Gómez de la Serna, 1997b: Cap. 3, 509-510)

Neste diálogo surpreende-se, por um lado, a alusão ao império colonial português (concretamente, as possessões na Índia) enquanto fonte da riqueza de uma aristocracia ociosa de que Palmyra será o epítome; por outro, torna-se evidente a desconstrução paródica das identidades fantasiosas que esse império forjou. A obsessão pelo mar, pela praia atlântica e suas promessas de distância, já notada nos excertos anteriores, cruza-se assim com este olhar de subtil crítica à realidade portuguesa das primeiras décadas do século XX.

Como se sabe, Portugal vivia então (e viveu depois durante várias décadas) profundamente ancorado na existência, real e fantasmagórica, do império ultramarino. Essa face da realidade portuguesa do século XX não terá passado despercebida a Ramón Gómez de la Serna, e mesmo um romance lírico e sentimental como *La Quinta de Palmyra* ecoa essa circunstância socio-política.

Também o conto “El inencontrable” revela significativas alusões à feição marítima da vida portuguesa, apresentada por relação com características de uma desconcertante ambiguidade aos olhos do visitante estrangeiro. Tendo como cenário a cidade de Lisboa, a narrativa acompanha as deambulações de um investigador em busca do filho desaparecido (e aparentemente “inencontrável”) de uma família aristocrática irlandesa: “Rivas Ericson, mezclado de irlandés y español, había sido escogido por míster Oscar Belly para perseguir en Lisboa el fantasma de su hijo Williams.” (Gómez de la Serna 1997a: 400). A específica situação de Lisboa como porto atlântico de um país colonial e como local de cruzamento de culturas revela-se em alguns passos de descrição da cidade; e o olhar atento do investigador Rivas Ericson tende a surgir contaminado por imagens convencionalmente associadas a determinados locais, como o cais do Terreiro do Paço:

Sólo unos visillos *chineses*, en que se repetía la silueta de una pagoda, parecían revelar que aquel habitante había estado en las colonias. [...] Después [Rivas Ericson] se internaba en el escenario del embarcadero antiguo, el embarcadero del que salen aún los bergantines conquistadores con las gaviotas de la ilusión en sus jarcias. [...] A veces salía a Terreiro do Paço, la plaza de los embarques ilusionados, el último puerto para grandes barcos de vela

que van a los Ríos Janeiros de antaño. (Gómez de la Serna 1997a: 404, 412, 415)

Esta presença de sinais e de memórias das “colónias” (seja da China ou do Brasil) no quotidiano da cidade afigura-se marca distintiva da capital portuguesa. Contudo, as referências à confusão entre as esperanças passadas e a realidade presente ganham aqui uma dimensão paródica, reforçada pelo discurso algo arcaico. Só em termos irónicos será possível aceitar que “bergantins conquistadores” continuavam a zarpar de Lisboa para os “Rios de Janeiro de antanho”.

Ao mesmo tempo, a intriga do conto “El inencontrable” parece reforçar a ambivalência da proximidade entre Portugal e esses outros mundos coloniais. No desenlace da história, descobre-se que o filho desaparecido está escondido em Lisboa porque vive envergonhado de um percurso de vida que o levou a constituir família com uma mulher negra; perante os seus próprios filhos, Williams questiona Rivas Ericson: “¿Cree usted que un celta puro como mi padre [...] puede perdonar esta descendencia que en su historia se oscurece tanto?” (Gómez de la Serna 1997a: 429). Embora o final da narrativa sugira uma reconciliação familiar, o núcleo da intriga baseia-se nesta ideia de preconceito social que não chega a ser verdadeiramente ultrapassado. O cosmopolitismo da capital portuguesa revela-se, assim, mais aparente do que efectivo: os indícios da realidade colonial permanecem à margem da ordem social triunfante, e muito afastados do centro da civilização europeia.

De novo a cidade de Lisboa aparece no conto “El cólera azul”, ao mesmo tempo que as referências ao império colonial português se constituem aí determinantes na estruturação narrativa. O cenário lisboeta cruza-se, desde a primeira frase da história, com o universo colonial: “Venían madre e hija de Angola y se instalaron en el Hotel de los Restauradores, de Lisboa, viejo hotel todo llenado de cortinas, en que parecían enjambrarse las abejas de la monotonía.” (Gómez de la Serna 2002: 47). As duas protagonistas, mãe e filha, são ricas proprietárias coloniais, vivem afastadas do mundo comum (em certa medida, tal como Palmyra ou como Williams Belly), e estão fascinadas por Lisboa, “la gran ciudad metropolitana” (*ibidem*). A narrativa concentra as atenções na filha, María de la Concepción, que “tenía la finura de inglesita rubia”, e “quería entrar en los peligros de la vida, tener urgentes dolores del corazón” (Gómez de la Serna 2002: 48).

A história sentimental que assim se anuncia ganha consistência quando María de la Concepción encontra casualmente “um cavalheiro de monócolo”. A conversa entre eles reforça a definição de uma identidade socio-económica e nacional muito precisa:

- ¿Es usted inglesa?
- Siempre me confunden con una inglesa, pero soy portuguesa por todos mis abuelos y abuelas.
- ¡Cuánto me complace saberlo! Así nos entenderemos mejor, como se entiende el aire que pasa por pinares vecinos.
- Los árboles bajo los que yo vivo están lejos.
- ¿Quizás en el Miño?
- No... Más lejos.
- ¿En el Algarbe?
- Más lejos.
- ¿En la Isla de Madeira?
- Más lejos.
- Entonces espero que usted me lo diga, porque nuestras posesiones son tan extensas que correría el riesgo de perderme y en el mar es peligroso perderse.
- Angola – dijo ella.
- De donde son los más grandes brillantes del mundo... Debí haberlo pensado.

(Gómez de la Serna 2002: 52-53).

Quando o cavalheiro comenta a desmesurada extensão das “nossas possessões” está, na verdade, a repetir um lugar comum do discurso nacionalista e imperialista português das décadas de 1920 e 1930 (e, em rigor, do discurso político oficial em Portugal até à revolução de 25 de Abril de 1974). Nesta cena de sedução, a retórica amorosa está associada a um retrato geo-político da identidade portuguesa – o que sugere a desconstrução irónica de ambos os registos, o amoroso e o nacionalista.

A narrativa de “El cólera azul” altera-se então subitamente, quase em tom fantástico, pois ao regressar ao hotel, María de la Concepción não encontra a sua mãe, nem qualquer sinal dela, e pouco depois vê-se encerrada num hospital. A explicação conta-se abreviadamente: a mãe fora atacada pela cólera azul, doença fulminante à qual sucumbiu enquanto a filha passeava; para prevenir o contágio, Maria de la Concepción e o seu acompanhante do monócolo são encaminhados para quarentena no Hospital de Medicina Tropical.



Na segunda parte do conto de Gómez de la Serna, a acção concentra-se neste específico cenário, o Hospital de Medicina Tropical de Lisboa, numa referência concreta de verosimilhança, ou “efeito de real”, cujo simbolismo é aqui bastante complexo. Importará notar que este hospital localizado à beira Tejo, na zona da Junqueira, existiu efectivamente e ocupou lugar relevante no imaginário lisboeta do século XX: a documentação histórica atesta que em 1902 foi fundado o Hospital Colonial de Lisboa, o qual, na década de 1950, veio a tornar-se o Hospital do Ultramar e depois, a partir de 1974, o hospital de Egas Moniz. É muito provável que Ramón Gómez de la Serna, durante as suas visitas e permanências em Lisboa, tenha tido notícia de algumas das transformações por que passou o hospital ao longo da década de 1920,<sup>7</sup> e tendo em conta as leituras simbólicas que a sua localização poderia ocasionar, não surpreende esta explícita incorporação no universo ficcional de “El cólera azul”.

Neste conto, a descrição pormenorizada do hospital “de enfermidades tropicais” e dos seus utentes vai compondo uma imagem do Portugal colonial, sempre com implícitas citações do discurso de propaganda oficial:

Portugal es tan rico en colonias establecidas en distintos mares y en antípodas latitudes, que su hospital de enfermedades raras siempre está lleno de enfermos con males difíciles.

Enfermos, *doentes*, como dicen ellos, de las islas de Cabo Verde, de Guinea – la llamada Senegambia portuguesa –, de Santo Tomé, de Angola, de Moçambique, de Gôa, de Damão, de Diu, de Macao y de Timor.

(Gómez de la Serna 2002: 61).

---

<sup>7</sup> Eis a informação histórica sobre a criação do Hospital Colonial disponibilizada na página electrónica do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, em que actualmente se integra o Hospital de Egas Moniz:

O Hospital Colonial de Lisboa sob a égide do Ministério das Colónias foi criado por Carta de Lei de 24 de Abril de 1902 e inicialmente ficou instalado no Edifício da Cordoaria, onde também funcionava o Instituto de Medicina Tropical. Tinha como objectivo dar assistência médica a funcionários civis e militares, que regressavam do Ultramar em condições físicas deploráveis com doenças infecciosas. Em 1919 o Estado adquire a Quinta do Saldanha à Junqueira para aí construir um Pavilhão de Internamento, que foi inaugurado em 1925 e que, por ter sido construído a expensas de Macau, recebeu o seu nome. Nos edifícios existentes da quinta funcionava a enfermaria tropical que se destinava a tratar indigentes vindos do Ultramar.

Note-se como a lista de topónimos identificando a origem dos doentes introduz um tom anormal, excessivo, e assim anuncia a subversão irónica da imagem do império português. A ideia de grandeza nacional fica minada pela associação à doença, sendo que a equivalência país-hospital (ou melhor, país “rico em colónias” e hospital “cheio de doentes”) sugere uma visão especialmente inquietante de Portugal enquanto nação colonial. Nesta linha, a longa sequência descritiva do Hospital de Medicina Tropical adensa a complexidade do retrato: os doentes não padecem apenas de males físicos; alguns dos seus problemas mais graves decorrem de um relacionamento psicológico conflituoso com o mar e com os territórios ultramarinos, que ao mesmo tempo são fonte de fascínio e de doença. A localização geográfica do hospital, que permite (tal como a quinta de Palmyra ou o Terreiro do Paço) contemplar a foz do Tejo e o mar, parece acentuar esse íntimo conflito, essa ambiguidade:

Estos *doentes* presentan máscaras de colores terrosos que dan medrosidad a las ventanas con hierros a las que a veces se asoman para ver el mar que añoran, esa desembocadura marítima del Tajo que les atrae como una ilusión.

(Gómez de la Serna 2002: 61).

Em “El cólera azul”, o final feliz dos amores de María de la Concepción e do senhor Albuquerque de Pascoaes não apaga este retrato sombrio de Portugal como “derradeiro hospital”, depósito dos detritos do império: “Se veía en aquel depósito de los detritos del sol último de las navegaciones, que la vuelta del trópico es siempre una vuelta al postrero hospital” (Gómez de la Serna 2002: 65). O “trópico” é aqui o lugar ambíguo, origem de passado esplendor e reiteradas esperanças, mas também causa da presente decadência e das actuais “doenças” da nação. Nestes retratos de Portugal traçados por Ramón Gómez de la Serna, os dois tempos e os dois espaços permanecem separados, numa irreduzível distância plasmada seja no resguardo da quarentena hospitalar de “El cólera azul”, seja no exílio auto-imposto de “El inencontrable” e mesmo de *La quinta de Palmyra*. Em rigor, estas narrativas propõem uma ideia de identidade portuguesa que não parece verdadeiramente capaz de incluir ou acomodar a diversidade (real e metafórica) do seu império.

Convirá notar como este olhar crítico sobre a realidade portuguesa que se descobre nas ficções de Ramón Gómez de la Serna se enquadra na evolução das descrições e dos comentários sobre

Portugal expressos por diversos autores espanhóis da época. Como explica Eloy Navarro Domínguez, num primeiro momento, a visão de muitos intelectuais espanhóis fascinados com a proclamação da República portuguesa, em 1910, foi dominada pela imagem de Portugal como país romântico, submerso num tempo passado primordial que seria afinal símbolo da “supervivencia del espíritu revolucionario del liberalismo” (Navarro Domínguez 2007: 104). Neste sentido, os indícios de um universo “arcádico”, como o que é retratado em *La Quinta de Palmyra*, constituiriam testemunho de uma vitalidade potencialmente libertadora, porque genuína, tanto em termos pessoais como colectivos. Contudo, essa imagem esperançosa de Portugal ter-se-á transformado progressivamente em desilusão:

el interés por Portugal (...) decreció pronto, pues, a lo largo de los años veinte, la República portuguesa empezaba a parecerse demasiado a la España de la Dictadura [de Primo de Rivera], y en lugar de mostrar a los españoles un futuro de renovación política, les devolvía, por el contrario, a ese mismo pasado inmediato de adulteraciones democráticas” (Navarro Domínguez 2007: 107).

Não há dúvida que o retrato do Portugal colonial que emerge das narrativas analisadas insinua um diagnóstico deceptivo tanto da expansão marítima, como da nação europeia a que se regressa ou em que se vive. Todavia, e embora enquadrados nas percepções contemporâneas sobre as circunstâncias histórico-políticas do universo ibérico, os retratos literários de Ramón Gómez de Serna deverão ser entendidos principalmente na sua específica vertente artística, enquanto decomposição paródica dos modelos tradicionais de representação e dos discursos de identidade. Em síntese:

La visión de Ramón es precisamente la relectura crítica de esos y otros tópicos [republicanos, románticos, iberistas] y su posterior imbricación en un discurso plenamente moderno, tanto en lo estético como en lo ideológico. (Navarro Domínguez 2010: 262).

A leitura aqui proposta procurou assinalar as principais estratégias de apresentação de uma identidade portuguesa nas narrativas de Ramón Gómez de la Serna. Nas palavras de Raúl Fernández Sánchez-Alarcos, essas estratégias implicam principalmente “descontextualización, sustitución de la historia geopolítica por la leyenda, anhelo de espacios arcádicos, poesía”, sendo que “Portugal y sus colonias inspiran al escritor el exotismo orientalista, la recreación mitificada del pasado, la transmutación de

la realidad a través de la ficción poética.” (Fernández 2010: 31). Em última análise, a realidade portuguesa parece interessar na justa medida das suas potencialidades romanescas, como aliás se percebe na significativa evocação de Lisboa como “cidade novelística” no romance *El novelista* (Gómez de la Serna 1997a: 399). Donde se conclui que os retratos portugueses de Gómez de la Serna se apresentam acima de tudo como retratos, ou seja, como imagens compostas e retocadas, eventualmente excessivas, que assim desvelam a margem de elaboração ficcional inerente a todos os discursos de identidade.

## Bibliografia

*Boletín Ramón* nº 8, Primavera 2004 [último acesso: 02-05-2014]  
[www.ramongomezdelaserne.net](http://www.ramongomezdelaserne.net)

Fernandes (2010): Ângela Fernandes, “As relações portuguesas de Ramón Gómez de la Serna”, in Francisco Lafarga et al. (eds.), *Interacciones entre las literaturas ibéricas*, Bern, Peter Lang, pp. 195-204.

Fernández Sánchez-Alarcos (2010): Raúl Fernández Sánchez-Alarcos, “Ramón Gómez de la Serna y Américo Castro en Portugal: dos contrapuntos periféricos frente a la modernidad”, *Castilla. Estudios de Literatura*, nº 1, pp. 27-37.

Gómez de la Serna (1997a): Ramón Gómez de la Serna, “El inencontrable”, in *Obras Completas X*, ed. Ioana Zlotescu, Barcelona, Círculo de Lectores & Galaxia Gutenberg, pp. 400-430.

Gómez de la Serna (1997b): Ramón Gómez de la Serna, *La quinta de Palmyra* (1925), in *Obras Completas X*, ed. Ioana Zlotescu, Barcelona, Círculo de Lectores & Galaxia Gutenberg, pp. 499-641.

Gómez de la Serna (2002): Ramón Gómez de la Serna, “El cólera azul” (1932), in *Obras Completas XIII*, ed. Ioana Zlotescu, Barcelona, Círculo de Lectores & Galaxia Gutenberg, pp. 47-71.

*História do Hospital de Egas Moniz*, Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental. [último acesso: 02-05-2014]

[http://www.chlo.min-saude.pt/Hospital/Historia/?sm=1\\_0](http://www.chlo.min-saude.pt/Hospital/Historia/?sm=1_0)

- Navarro Domínguez (2007): Eloy Navarro Domínguez (2007), "Regreso al futuro: la República Portuguesa en la obra de Ramón Gómez de la Serna y Carmen de Burgos (con Larra al fondo)", in Marcos de Dios, Ángel (ed.), *Aula Ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 87-111.
- Navarro Domínguez (2010): Eloy Navarro Domínguez, "Ramón Gómez de la Serna, Carmen de Burgos y el "descubrimiento" de Portugal", in Antonio Sáez Delgado y Luis Manuel Gaspar (eds.), *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre Portugal y España (1890-1936)*, Badajoz, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 257-272.
- Oliveira (2004 [1963]): José Osório de Oliveira, "O monólogo de Ramón Gómez de la Serna sobre Portugal", *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, nº 23, Abril de 1963. Reproduzido em *Boletín Ramón* nº 8, Primavera 2004, pp. 59-61.
- Richmond (1982): Carolyn Richmond, "Una sinfonía portuguesa ramoniana. Estudio crítico de la Quinta de Palmyra", in Gómez de la Serna, Ramón, *La Quinta de Palmyra*, ed. Carolyn Richmond, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 11-151.
- Richmond (1997): Carolyn Richmond, "El «novelista» Ramón y sus «novelas grandes»", in Gómez de la Serna, Ramón, *Obras Completas X*, ed. Ioana Zlotescu. Barcelona: Círculo de Lectores & Galaxia Gutenberg, pp. 13-44.
- Ródenas (2005): Domingo Ródenas, "Introducción", in Gómez de la Serna, Ramón, *El novelista*, ed. Domingo Ródenas, Madrid, Espasa Calpe, pp. 11-66.
- Sáez Delgado (1999): Antonio Sáez Delgado, "Ramón Gómez de la Serna y Portugal: su desembarco en *Contemporânea*", in *Órficos y Ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias literarias (1915-1925)*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, pp. 187-196.
- Sáez Delgado (2007): Antonio Sáez Delgado, "Ramón Gómez de la Serna, António Ferro y la greguería", *Península. Revista de Estudios Ibéricos* Nº 4, pp. 195-202.